

ESPECIAL

Em 3 meses, surge uma cidade no meio da reserva indígena Sararé

Estima-se que já sejam 6 mil moradores no núcleo urbano improvisado, que já conta com comércio variado

RUBENS VALENTE

Enviado especial à Reserva Sararé

Uma cidade de lona com mercearias, bordéis, farmácias e até casas de bingo está encravada na reserva Sararé dos índios nhambiquaras, a 540 km de Cuiabá. Pelo menos 6 mil garimpeiros do total estimado de 8 mil em toda a área montaram um núcleo com cerca de 500 barracos e 100 pontos de comércio, num local da mata que fica a quatro quilômetros da aldeia onde vivem os nhambiquaras do subgrupo katithauru.

A notícia da existência do ouro na reserva chegou ao Pará, Tocantins e Roraima. Hoje param só no garimpo batizado "Ferrugem IV", por dia, cerca de cinco novas dragas, que empregarão no mínimo mais 30 garimpeiros.

João Luiz Medeiros



O trator é o meio mais seguro nos últimos quilômetros até a "currutela"

Centenas de moradores de Peixoto de Azevedo e outras cidades do Nortão onde o ouro ficou escasso, oprimidos pelo desemprego, também descobriram em Sararé uma nova fonte de renda transformando-a no maior garimpo do Estado e num dos maiores do país.

A produção de ouro na reserva é controversa, mas o movimento é contínuo nas 15 lojas de compra e venda do minério em Pontes e Lacerda. Por R\$ 10, qualquer pessoa é levada por caminhões de frete ou até por táxi até a pequena cidade, a "currutela", na giria garimpeira, que fica a 62 km de Pontes e Lacerda, dos quais só 17 km de asfalto (matéria abaixo).

Em menos de três meses, o

que era um núcleo com cerca de 500 garimpeiros sofreu uma fantástica explosão demográfica. As frentes de trabalho em pontos inaccessíveis, envolvendo centenas de homens, exigiram a instalação de casas de comércio. O deslocamento até a cidade é quase impossível em dias de chuva intensa.



Com o comércio, vieram as boates e suas prostitutas, que já somam 80 apenas no "Ferrugem IV", enquanto pelo menos uma outra centena de garotas de programa se espalha em diferentes áreas de extração, como "Tio Chico", "Curimã" e "Ferrugem I, II e III", todas na área nhambiquara.

Os garimpeiros estimam existir no "Ferrugem IV" seis boa-

tes, três farmácias, dois açougues, seis mercearias, cinco lanchonetes (uma vendendo pizza) e outras cinco casas de bingo, além de mecânicas, pontos de venda de peças e óleo diesel e até uma manicure (veja as histórias dos personagens na página B2). O custo de vida passa dos 100% e o ouro é moeda corrente. Um tambor de óleo comercializado a R\$ 75 na cidade sai a R\$ 125 no "Ferrugem", e a cerveja ou o refrigerante custa R\$ 2.

A saúde é precária, com um surto de malária fazendo quatro doentes todo dia. Há dois meses, foram registrados 105 casos num fim de semana. A única fonte de água limpa fica a cerca de 3 km da "currutela", onde os garimpeiros também tomam banho. A vida noturna atrai todos os trabalhadores que durante o dia ficam espa-

lhados nas grotas. Uma das atrações é o bingo. Numa das casas, o prêmio da última sexta-feira era um Gol 89.

O presidente do Sindicato dos Produtores de Ouro de Pontes e Lacerda, Jaime Valadares, o "Magrão", 39, admite que a situação fugiu do controle, mas culpa os governos estadual e federal, que não tomaram providências para evitar a invasão e, ao mesmo tempo, deixaram de encampar um projeto de exploração de outra área (veja matéria na próxima edição).

O DIÁRIO DE CUIABÁ passou três dias na região de Sararé e publica, a partir de hoje, uma série de reportagens sobre o drama dos índios cada vez mais encurralados em sua própria terra, a vida dura dos garimpeiros e a ação tímida do poder público.

Acesso é complicado e exige criatividade

Do enviado especial

O acesso aos garimpos instalados na reserva Sararé torna-se uma aventura no meio da mata. De Pontes e Lacerda até a área mais distante, o "Ferrugem IV", são 17 km de asfalto e outros 45 km de terra, lama, buracos, áreas alagadas e até leitões de rios e córregos. Centenas de carros, caminhões e tratores trafegam diariamente nas estradas de fazendas da região ou recentemente abertas pelos madeireiros que estavam atrás da madeira nobre e agora aproveitadas pelos garimpeiros.

Na porteira da "Fazenda Zé Luis", a 21 km do asfalto, a estrada se bifurca. À esquerda, chega-se à área de extração conhecida como "Tio Chico", onde trabalham cerca de 800 garimpeiros. São 25 km de terra margeando ou cortando fazendas e outros 5 km dentro da área nhambiquara. Dois pontos alagados

deixam os veículos com água à altura da porta.

O trecho mais difícil é o que leva ao maior garimpo, o "Ferrugem IV", à direita da porteira da "Fazenda Zé Luis". Após 2 km chega-se ao local conhecido como "Curimã", uma espécie de parada dos garimpeiros, logo após passar o rio Areia. Na quinta-feira, funcionavam no local 20 casas de comércio, além de outros lotes já marcados com piquetes pelos donos para futuras barracas. Ao longe, o barulho dos motores das dragas.

Quando chove muito e o leito do rio Areia não permite passagem, os garimpeiros improvisam balsas, atando pedaços de madeira a tambores de óleo diesel. Mais sete quilômetros a partir de "Curimã" se chega ao "Ferrugem I", já dentro da reserva. Nesse trecho, o motorista passa por uma área estranha à região, um plantação de capim para pastagem de

gado. Os garimpeiros explicam que se trata de uma área de 800 hectares que um fazendeiro desmatou e tentou se apropriar. Os índios ganharam a disputa judicial, mas o capim permanece como uma agressão à paisagem.

Do "Ferrugem III" até o "IV", caminhões e camionetes evitam prosseguir. São 4 km que podem ser cumpridos apenas por tratores, os "jericões". Quando a passagem se tornar inviável em algum trecho da estrada, madeireiros abrem novas picadas. Em menos de 12 horas, até 25 km de mata em linha reta podem ser devastados com os tratores de esteira.

Os tratores também salvam do barro caminhões que se aventuram a chegar à "currutela", 20 km dentro de Sararé. Até lá, multiplicam-se árvores frondosas de até 20 metros, em contraste com barracos de lona e dragas. (RV)

190

365

92

140

7

José Luiz Medeiros



Milhares de pessoas se estabelecem no "Ferrugem IV", dando-lhe ares urbanos



Garimpeiros transferem óleo diesel do tambor para o motor estacionário de draga



A água de beber e do banho fica a três quilômetros, que são percorridos a pé



À noite, pode-se divertir nos bordéis ou com a programação da TV, via satélite